

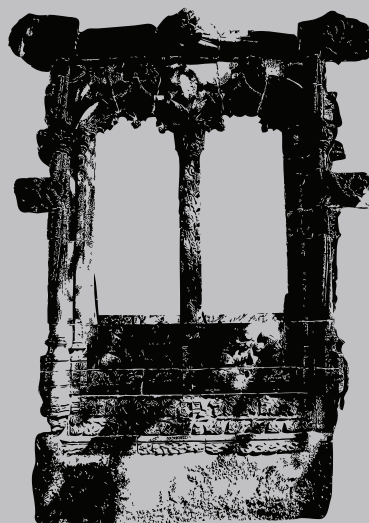


# LUSOFONIA

## Tempo de Reciprocidades

4 a 9 de Agosto de 2008  
Universidade da Madeira

Helena Rebelo  
(Coordenação)



 Edições  
Afrontamento

ACTAS  
VOLUME I



# LUSOFONIA TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I

## ACTAS

IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas  
Madeira, 4 a 9 de Agosto de 2008

Helena Rebelo  
(Coordenação)

 Edições  
Afrontamento

2011



# LUSOFONIA

# TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I

Helena Rebelo  
(Coordenação)

## **Seleção e Organização**

LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos

LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento

CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

## **VOLUME I**

### **LINGUÍSTICA**

Língua portuguesa: migrações e trânsito

Uma língua, várias culturas: transposições e localizações

### **LITERATURA**

Cartografias das diferenças

Ilhas e continentes: reciprocidades

*Varia*

***Lusofonia: Tempo de Reciprocidades***  
***Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas***

Coordenação

**Helena Rebelo**

© 2011, Autores e Edições Afrontamento

Edição

**Edições Afrontamento**

Rua Costa Cabral, 859 | 4200 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Seleção e Organização

Volume I

LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos

LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento

Volume II

CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

Patrocínios e apoios

**Universidade da Madeira, Associação Internacional de Lusitanistas,**

**Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal 500 Anos, E. E. M.,**

**Fundação para a Ciência e Tecnologia (Programa FACC), Instituto de Camões.**

Design

**Mais Dicas Design – Projectação e Execução, Lda.**

Estrada do Portinho, 94 | 9125-110 Caniço

Tel. e Fax: 291 600 850

E-mail: design@maisdicas.com

Colecção

**Textos, 88**

Edição n.º 1359

ISBN

978-972-36-1150-2

Depósito Legal:

323708/11

Impressão e Acabamento

**Rainho & Neves, Lda**

Santa Maria da Feira

geral@rainhoneves.pt

Volume I

1000 exemplares

Este livro compila algumas das comunicações apresentadas no IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizado na Universidade da Madeira, em Agosto de 2008. Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, especialistas em Língua Portuguesa.

Março de 2011

*Associação Internacional de Lusitanistas*  
www.lusitanistasail.net

**DIRECÇÃO**  
**2005-2008**

**Presidência**

Regina Zilberman

**Vice-presidência** – Carlos Reis

**Vice-presidência** – Elias Torres Feijo

**Secretaria e tesouraria** – Maria da Glória Bordini

**Vogais**

Ana Mafalda Leite

Benjamin Abdala Junior

Cristina Robalo Cordeiro

Ettore Finazzi Agró

Fátima Ribeiro

Helena Rebelo

Maria del Carmen Villarino Prado

Sebastião Tavares de Pinho

Rolf Nagel

Teresa Cristina Cerdeira da Silva

**Conselho Fiscal**

Laura Cavalcanti Padilha

M. Fátima Brauer-Figueiredo

Thomas Earle

**Presidentes Honorários**

Cleonice Berardinelli

Helder Macedo

## **ORGANIZAÇÃO**

### ***IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas***

Funchal e Universidade da Madeira, de 4 a 9 de Agosto de 2008

#### **Oradores Convidados**

Sessão de Abertura: Tolentino Mendonça  
Sessão de Encerramento: Isabel Pires de Lima

#### **Comissão de Honra**

Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, José Mariano Gago  
Ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro  
Reitor da Universidade da Madeira, Pedro Telhado Pereira  
Representante da República, Antero Alves Monteiro Diniz  
Presidente da Assembleia Legislativa Regional, José Miguel Mendonça  
Presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim  
Presidente da Câmara do Funchal, Miguel Albuquerque  
Comandante da Zona Militar da Madeira, João Miguel Castro Rosas Leitão  
Bispo da Diocese do Funchal, António Carrilho  
500 Anos do Funchal, Pedro Calado  
Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, Regina Zilberman

#### **Direcção**

Helena Rebelo (coord.)  
Fernando Figueiredo  
Thierry Proença dos Santos

#### **Comissão Científica**

Ana Isabel Moniz  
Ana Margarida Falcão  
Helena Rebelo  
Maria Teresa Nascimento  
Paulo Miguel Rodrigues

#### **Comissão Executiva**

Helena Rebelo  
Leonor Coelho  
Fernando Figueiredo

#### **Comissão Financeira**

Thierry Proença dos Santos  
Paulo Miguel Rodrigues  
Carla Cró

## Utopia e distopia na voz de Irene Lucília Andrade

Leonor Martins Coelho  
Universidade da Madeira  
Centros de Estudos Comparatistas

*Chamei-lhe voz, podia ser distância,  
cristal, orvalho  
memória a desvendar um pássaro risonho  
estrela a conceber o incêndio duma ideia.  
Mas a palavra vinda do fim da areia  
não chegou para aquecer o sonho.*

*Obsessão dimensional do gesto  
rigorosos compassos que limitam.  
– atrás do tempo há bocas repetidas  
prolongadas em olhos que me fitam.*

(“Palavras que Levo em Viagem”, *Ilha 2*, 1979)

Com quarenta anos de vida literária, Irene Lucília Andrade foi desenvolvendo uma obra notável quer na poesia, quer na ficção, à qual se pode somar incursões noutras formas de expressões, designadamente a ilustração e a letra de canções infantis<sup>1</sup>.

A nossa análise incidirá na produção poética publicada nos cadernos de poesia *Ilha*, editados na Madeira, por neles se encontrar, de forma sistemática e recorrente, quer o sentimento de isolamento da escritora, quer o seu desencanto para com novos parâmetros que regem a sociedade actual<sup>2</sup>. Diga-se, desde já, que na origem do Projecto *Ilha* e, seguidamente, na publicação dos primeiros quatro números que constituem a colectânea em apreço está a vontade de poetas madeirenses, nomeadamente a de José António Gonçalves, autor da iniciativa editorial, de ensaiar uma

---

<sup>1</sup> Irene Lucília Andrade publicou o seu primeiro livro de poesia, *Hora Imóvel*, em 1968. Nesse género literário, deu ainda a lume: *O Pé Dentro de Água* (1980), *Ilha que é Gente* (1986), *A Mão que Amansa os Frutos* (1991), *Estrada de um Dia Só* (1995), *Protesto e Canto de Atena* (2002) e *Água de Mel e Manacá* (2002). No que concerne à ficção narrativa, são de referir os romances: *Angélica e a sua Espécie* (1993) e *Porque Me Lembrei dos Cisnes* (2000); entre a crónica e a narrativa breve, lançou *A Penteadada ou o Fim do Caminho* (2004) e *Crónica da Cidade Anónima - À Hora do Tordo* (2008). Para mais informação sobre a autora e a sua obra, o leitor poderá consultar o número especial da revista *Margem 2*, subordinada ao tema “Irene Lucília Andrade: uma voz na margem”, Leonor Martins Coelho (coord.), Funchal, Câmara Municipal – Departamento da Cultura, 2009, e o CD-ROM dedicado especialmente a Irene Lucília Andrade, produzido no âmbito da linha editorial “Biblioteca Digital de Autores Insulares” do Centro de Estudos de História do Atlântico, por Ana Maria Kauppila e Graça Alves (Funchal, 2011).

<sup>2</sup> Estes *topoi* são recorrentes também na ficção. A este respeito, Manuel Frias Martins sublinha o tom confessional de Irene Lucília Andrade no romance *Angélica e a sua Espécie*: “A Vida na cidade da ilha escoava-se em magros caudais, ignorada e sombria, fatalmente invadida de de memórias revoltadas que esfriavam na penumbra pálida dos sorrisos redondos” (*Angélica e a sua Espécie*, 1993, p. 70). Cf.. “A escrita íntima de Irene Lucília Andrade”, in *Margem 2: Irene Lucília Andrade: Uma Voz na Margem*, coord. de Leonor Martins Coelho, Câmara Municipal do Funchal, Maio 2009, pp. 94-100.

“pedrada no charco” “no marasmo cultural insular”<sup>3</sup> dos anos setenta para “vencer o mar”<sup>4</sup>. Faz, assim, todo o sentido no âmbito deste colóquio subordinado ao tema “Tempo de reciprocidades”, abordar este sentimento de inquietude insular que dita a urgência do (re)conhecimento<sup>5</sup>, bem como as problemáticas ligadas à “periferia” e à “margem”, uma vez que elas permitem analisar e, desse modo, compreender a obra de Irene Lucília Andrade<sup>6</sup>.

Se pensarmos que, num mundo cada vez mais dialogante, emergem múltiplos rogos numa demanda de reconhecimento da Margem esquecida do Centro hegemónico, compreender-se-á a escrita luciliana como apelo a uma “interculturalidade” saudável e profícua. A sua voz remete, pois, para uma nova História em vias-de-se-fazer, permitindo equacionar uma nova história das mentalidades.

Assim, propomo-nos destacar a consciência da alteridade do ilhéu, a imperiosa obrigatoriedade da validação da escrita insular por parte dos centros dominantes. Porém, a sua poesia não se reduz a esse deploro. Existe ao mesmo tempo a necessidade visceral de regresso às origens após várias experiências formadoras longe da Madeira para na sua região intervir como intelectual atenta e denunciadora das distopias da actualidade. Dir-se-á que o desejo de Irene Lucília Andrade em sair do lugar-ilha, de olhar para além da linha do horizonte, na procura de novas experiências que o contacto com outras culturas proporciona<sup>7</sup> lhe permitirá, por conseguinte, ter um olhar mais crítico da sua realidade.

## 1. A Ilha em Projecto

Poder-se-á destacar na produção luciliana os *topoi* ligados ao cosmos em miniatura que uma ilha não deixa de ser, à tentativa de se fazer ouvir e reconhecer pelo sistema cultural e literário legitimador, à depreciação pela vozes insulares, a um certo letargo cultural que parece definir as periferias. Assim, compreender-se-á que a escritora adopte a crítica, nascida de um sentimento de isolamento que a geografia

<sup>3</sup> Veja-se “Inquérito Ilha” in revista *Margem 2: Um dia com José António Gonçalves*, coord. de António Fournier, Câmara Municipal do Funchal – Departamento da Cultura, Maio 2008, pp. 109-116.

<sup>4</sup> José António Gonçalves, nota editorial de *Ilha 2*, Madeira, Câmara Municipal do Funchal, Setembro 1979, p. 2.

<sup>5</sup> A propósito do Projecto Ilha e, em particular, do contributo dos primeiros números da colectânea (*Ilha 1*, 1975, *Ilha 2*, 1979, *Ilha*, 1991, *Ilha 4*, 1994, Irene Lucília Andrade refere: “Considero importantes estas publicações por revelarem a existência de poetas da ilha da Madeira, até então desconhecidos e críticos literários de várias proveniências que a elas se referem em artigos de jornais e obras analíticas, integrando esta produção no todo nacional.” Cf. “Inquérito Ilha, in *Revista Margem 2: um dia com José António Gonçalves*, op, cit, p. 108.

<sup>6</sup> A título de exemplo, veja-se o seguinte excerto: “Percorro o cais/ como uma viagem entro de novo na cidade/ levo comigo um grama de sal/ e algumas ondas/ para refrescar um espaço de segura/ entre os que se cruzam perdidos/ na avenida.”, in *A Mão que Amansa os Frutos*, Funchal, ed. Cadernos *Ilha* nº 4, 1990, p. 8.

<sup>7</sup> A escrita de Irene Lucília Andrade convida à abertura e ao diálogo como corrobora a seguinte observação: “Percebi muito cedo quanto inermes se tornam alguns obstáculos, incluindo fronteiras, quanto estulto é pensar-me ser daqui por redução de espaço, por atavismos às pedras do calhau ovaladas, cor de cinza arrefecida, ou por um cabo que monta esta baía e memoriza o voo há muito tempo estagnado de um qualquer garajau morto em viagem. Não preciso que me digam de onde sou, mas não me construam paredes à frente dos olhos nem me tirem a varanda onde ensaio ao longo da tarde uma experiência sedutora do mundo”, in *Crónica Breve da Cidade Anónima. À Hora do Tordo*, 2008, p. 16. Assim, compreender-se-á que a voz narrativa venha exaltar o diálogo entre a Margem e o Centro. A periferia afirma o seu estatuto insular, a sua identidade cultural e a Ilha desponta para o Outro. No referido livro, surge, pois, na figuração problemática do autor, como cidadã do mundo.

insular implica, apresentando-se como uma “consciência sociológica” levada a sublinhar o desejo de modificar este curso.

Com efeito, a experiência da ilha está presente na escrita, quer poética, quer ficcional, de Irene Lucília Andrade, respondendo deste modo à afirmação de João David Pinto Correia, ao observar que:

A cultura e a literatura [...] proporcionam-nos, não há dúvidas, “textos” (no sentido mais lato) que não só manifestam elaborações pessoais [...], como também veiculam tudo quanto havemos de inegavelmente situar a um nível de sentido mais profundo: a organização ideológica e ainda a estruturação do imaginário, quer o colectivo particular, próprio da comunidade a que as obras dizem respeito, quer o colectivo geral, universal, situável naquela zona que Edgar Morin designou por “antropocosmológica”.<sup>8</sup>

Dir-se-á que a escritora corresponde, desde o início das suas primeiras publicações, a um critério comunicacional e relacional definido como uma “consciência colectiva de integração”<sup>9</sup>. Num mundo cada vez mais em diálogo, onde o Centro pode dar voz à Margem, Irene Lucília Andrade parece comungar deste modo de actuação, pressupondo uma outra alternativa, anunciando até uma possibilidade de inaugurar um período rectificador de situações negativas. O procedimento reivindicativo luciliano corrobora, pois, a observação de Onésimo Teotónio Almeida ao sublinhar que “Portugal só terá a beneficiar com o florescimento cultural das ilhas que gravitam à volta do centro mas que podem e devem gravitar simultaneamente à volta de si mesmas. Não no isolamento, mas na busca de si próprias e reescrevendo-se para se reflectirem colectivamente”<sup>10</sup>.

Com efeito, se a ilha de Thomas More foi insulada pela vontade humana<sup>11</sup>, a escritora nascida na ilha da Madeira reprova o isolamento, o silêncio e a solidão que o espaço insular impõe, como atestado pela lamentação do sujeito poético nas primeiras produções da autora:

Magoa-me a palavra que me deram.  
Aceitei-a porque outra não havia.  
Não bastou pra dizer o que eu sentia  
e apouca-me o limite em que me fico

(“Palavras que Levo em Viagem”, *Ilha 2*, 1979: 49)

Ou ainda:

<sup>8</sup> João David Pinto Correia, *Repensar a Nossa Identidade Cultural*, Lisboa, Apenas Livros, 2005, p. 5. [1ª ed. 1986]

<sup>9</sup> Fernando Cristóvão, *Cruzeiro do Sul, a Norte - Estudos Brasileiros*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, pp. 27-28.

<sup>10</sup> Onésimo Teotónio Almeida, “As Ilhas e os Mundos – Literaturas & Literaturas”, in *Livro de Comunicações do Colóquio “Caminhos do Mar”*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal - Departamento da Cultura, 2001, p. 191.

<sup>11</sup> “A crer no que dizem, e que, aliás, em parte, é confirmado pela configuração do território, nem sempre a Utopia foi uma ilha. Foi o rei Utopos que dela se apoderou e lhe deu o nome (pois até aí se chamava Abraxa, transformando o povo rude e selvagem que a habitava num povo com uma civilização perfeita, que em muitos pontos ultrapassa a de todos os povos”, Thomas More, *Utopia*, tradução de Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 62.

Encontrámos o silêncio a esconder  
a memória magoada dos poetas  
doentes de palavras  
e as mãos dos famintos entendidas  
a ameaçar a prepotência dos risos.

(*Ibidem*: 52)

Trata-se, para Irene Lucília Andrade, de “construir” uma nova visão do mundo a partir da rejeição de situações disfóricas que, na sociedade do seu tempo, apreende como acções de desarmonia entre o Eu e o Outro, para propor uma visão prospectiva, mais de acordo com a sociedade de hoje, intercultural e inter-relacional. Poder-se-á dizer que a sua escrita em geral, e a poética em particular, ajusta o discurso ao esquema de crítica orientada para o presente, lançando-se na tarefa de reclamar um mundo alicerçado no reconhecimento do Longinquo e, por conseguinte, do Diferente e do Complementar.

O sujeito poético traduzirá uma espécie de mal-estar corroborando a monotonia da vida na Ilha e a rotina do quotidiano “de quem fica entre o silêncio/ com o cérebro à solta, vadio” (“Sobre a Memória destes Dias”, 1991: 71). A escrita luciliana constituiu-se como um rogo contra o andamento sem rumo, próprio das pequenas rotinas, mas, e talvez sobretudo, contra o esquecimento a que o escritor insular é votado. Com efeito, o desencanto do sujeito poético tornar-se-á mais contundente, mencionando o texto a indolência dos escritores insulares, que mais não podem fazer, a não ser pactuar com “a morte dos projectos” (*Ibidem*: 69), que o seguinte excerto revelará:

Sobre a memória destes dias  
denuncio o curto espaço entre o cérebro  
e os olhos o curto espaço onde arrumo  
os vestígios dissolutos dos passos que  
sobre a vida riscaram os trilhos à toa de viver  
os contornos corruptos que à noite  
os vultos da cidade desenham sobre a água  
ao rés do cais e do desconforto  
falo das notas estridentes do sangue sobre a calçada  
dos respingos de lume que os navios desesperados  
soltam durante os incêndios  
torna-viagem-sem-retorno  
flor de fogo estrela ou dor fautível  
sobre os altos oceanos do mar.

(“Sobre a Memória destes Dias”, *Ilha* 3, 1991: 70)

A (con)formação de um lugar isolado disfórico que os versos transcritos revelam: “e as portas do mar fechadas/ e o verão tarda sobre a longa transição/ dum inverno insalubre e desgarrado” (*Ibidem*: 70), sublinham a crítica a uma imagem excessivamente “reduzida” do meio insular. Assim, a escritora adopta na crítica o desejo de modificar este curso, como o atestam os seguintes versos:

repudio estes meses aziagos  
 refrão repetido a exorcizar as simulações da alegria  
 afirmo a teimosia dos tributos ao sonho  
 nitidamente voltada para onde a cor seja o lilás da cortina  
 o olhar mais de frente ou o braço mais simples  
 sobre os ramos ou as vozes amadas.

(“Minuta”, in “Amargo é o Estar do Tempo”, 1994: 92)

Veja-se, neste sentido, a leitura de Frias Martins ao referir que “alguns poetas aguardam quase desesperadamente, um tempo de reconhecimento colectivo do acto cultural como um acto ainda mais vital que a construção de bojudos casinos”<sup>12</sup> ou aquela que será proposta por Ernesto Rodrigues, ao sugerir: “Fica-nos o sentimento de que os poetas madeirenses não querem sair da ilha; querem, isso sim, ser legitimamente reconhecidos no continente”<sup>13</sup>.

Sublinhe-se, contudo, que este olhar desencantado se atenuará nos seus textos, para que uma outra visão não menos disfórica possa ser compreendida pelo leitor mais atento às modificações que o mundo global acarreta. Assim, se considerarmos que “o texto é a gestão do seu contexto”<sup>14</sup>, como enuncia Dominique Maingueneau, ou que a literatura estabelece um elo com o seu exterior, como observa Carlos Reis<sup>15</sup>, dir-se-á que a escrita de Irene Lucília Andrade espelha épocas distintas: por um lado, os escritos publicados nos primeiros números do projecto *Ilha* reflectem um tempo e um espaço plácido e monótono; por outro, o actual espaço-tempo, afigura-se, no último número desse projecto, frenético e ostensivamente ruidoso.

Neste sentido, Ernesto Rodrigues vem, de igual modo, dar-nos razão ao sublinhar:

Procurei, enfim, fazer um balanço a partir do ciclo de poemas insertos em *Ilha 5* (2008), que antevi como, na sua arrumação dos dias “contraditórios/ entre o absurdo e a alegria” (p. 71), uma pausa e um novo pesquisar na senda da poesia. Do versilibrismo à poesia em prosa, dos preliminares do texto ao porquê da escrita, no choque das referências e de novos destinatários, tudo convergia num instante de crise.<sup>16</sup>

Anunciando uma cesura com a escrita da solidão do escritor periférico, a poesia luciliana, em *Ilha 5*, revela as preocupações do poeta perante o frenesim da actualidade. Poder-se-á, então, sublinhar que a crítica a uma imagem excessivamente “reduzora” do meio insular se atenua ao longo da publicação dos seus textos. Se concordarmos com A. J. Vieira de Freitas, quando afirma em *A Ilha que Somos*, que “a obra literária por si própria constitui a expressão legítima de quem entende a poesia como revelação indirecta de um *statu quo*, ao mesmo tempo, expressão do povo e dos problemas que o afectam”<sup>17</sup>, a escrita poética de Irene Lucília Andrade, em

<sup>12</sup> Manuel Frias Martins, *10 Anos de Poesia em Portugal 1974-1984 – Leitura de uma Década*, Lisboa, Caminho, 1986.

<sup>13</sup> Ernesto Rodrigues, in “Tempo”, 18-6-81.

<sup>14</sup> Tradução nossa: “le texte, c’est la gestion même de son contexte”, Dominique Maingueneau, in *Le contexte de l’œuvre littéraire*, Paris, Dunod, 1993, p. 24.

<sup>15</sup> Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*, Coimbra, Almedina, 1995, pp. 198-199.

<sup>16</sup> Ernesto Rodrigues, “A Leveza da Arte em Irene Lucília Andrade”, in *Margem 2 - Irene Lucília Andrade: uma Voz na Margem*, op. cit., p. 104.

<sup>17</sup> A. J. Vieira de Freitas, *Da Ilha que Somos*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1977, p. 8.

“Uma Nesga de Mundo” (*Ilha 5*), anuncia, de facto, outras preocupações, essoutras que se prendem com a construção febricitante ocorrida no Verão de 2005.

## 2. ...e os projectos da Ilha

A visão de um mundo distópico virá acentuar a construção da era do betão que modifica não só a relação inter-geracional, como também o elo que se pode ter com o próprio Mar<sup>18</sup>. Com efeito, em *Ilha 5*, a voz poética traduz ao longo das dez páginas do longo poema “Uma nesga de mundo”, subdividido em nove secções ordenadas pelas primeiras nove letras do alfabeto, o mal-estar que o esventrar da ilha actual proporciona.

Se num primeiro momento se sublinhou a monotonia da ilha, dar-se-á agora a conhecer o pulular de quem trabalha ostensivamente ao longo do Verão, traduzido pela isotopia do labor ruidoso que os versos da primeira estrofe congregam:

Este é o tempo em que se confirma  
o verão dos trabalhos o auge dos ofícios  
a precisão dos obreiros  
por um ténue sussurro de areias  
no emergir dos muros  
o chiar duma viga no suster dos telhados  
o ronco agreste do fórceps  
a esventrar a montanha

(“Uma Nesga de Mundo”, *Ilha 5*, 2008: 29)

Contrariando a mensagem que o díptico de *Ilha 3* continha, a saber “setembro morno convincente memorável/ setembro solto à tuna dum lento desvario” (“Sobre a Memória destes Dias”, 1991: 72), na figuração problemática da autora, a voz poética virá enfatizar o predomínio do betão de uma cidade que, à beira mar plantada, optou “no cimento ainda tenro das ideias” (“Uma Nesga de Mundo”, 2008: 30) por novos parâmetros civilizacionais, regidos pelo vazio, pela dor, mas também, e talvez sobretudo, pelo deslumbramento que o “rasgar da falésia” (*Ibidem*: 34) terá permitido<sup>19</sup>.

Compassada por (re)novadas desarmonias, por uma outra noção de tempo, de espaço e de haveres, “a noção harmónica/ que se oculta na linha da janela”( *Ibidem*: 29) será preterida por uma linha que parece obstruir a visão do mar. Não obstante, a voz poética virá apelar para que se deixe ainda ver “a ponta da montanha” (*Ibidem*: 31),

<sup>18</sup> A esse respeito, veja-se a leitura que Irene Lucília Andrade propõe: “a cidade foi-se fazendo desordenada e desprevenida, ganhou proporções desmesuradas e desconexas...[o]s habitantes passaram a espreitar o mundo por cubículos de cimento...” in “A barreira”, *Margem 2*, n.º 24, Câmara Municipal do Funchal, 2007, p. 61.

<sup>19</sup> A autora escreveu: “As cidades tornaram-se irrespiráveis, inabitáveis, insuportáveis. (...) Assim, começaram todos a invadir as novas torres metálicas e a criar seus lares e envoltimentos mais perto do éter...”, in “Virtualidades”, *Margem 2*, n.º 11, Câmara Municipal do Funchal, 1999, p. 30. afirmou, ainda: “A História das ilhas é uma aventura trágica que nasce com o seu nascimento, desde que do fogo brotam em explosão e estrondos, até que o mar delimite o seu território e a erosão lhes deturpe os contornos. (...) Pode um homem imaginar no seu sonho de grandeza e liberdade que a posse das ilhas é um triunfo e que as asas lhes darão o domínio do espaço, a certeza da propriedade e a promessa do indestrutível. Ergue-lhes muros, prepara-as com sumptuosos atavios, sulca-lhes as entranhas, chama-as de sua riqueza, seu desvelo, seu amor. Mas há sempre um grão de terra dolorido despenhando-se nas falésias”, in “O triângulo utópico”, *Margem 2*, n.º 15, Câmara Municipal do Funchal – Departamento de Cultura, 2003, pp. 67-68.

uma vez que os novos valores não contribuem para a felicidade, nem engendram excelsos paraísos.

A ilha, com a sua cidade moderna e cosmopolita, continua a exaltar a insatisfação, contribuindo para a outra cultura da indiferença, da tristeza e do esquecimento uma vez que “a estas horas os encontros estão vazios/ como as casas que já foram habitadas” (*Ibidem*: 31), como também desdenha o auxílio prestado ao Homem, vergado agora por um outro pesadume – o da verticalidade imponente dos prédios urbanos: “se baterem às portas/ talvez quem de dentro se esquece/ não responda” (*Ibidem*: 33).

Deste modo, compreender-se-á na poesia luciliana a emergência de novas identidades, culturas e relacionamentos:

[n]este instante em que o verão se consigna  
 por um suspiro de motor a rasgar a falésia  
 segue ao volante de um lazer solar  
 prendes-te a um rito suplice deslumbramento

mais tarde hás-de appear-te  
se os pés reclamam seu óbvio e sábio chão

(“Uma Nesga de Mundo”, *Ilha 5*, 2008: 34 – sublinhado nosso)

Do texto distópico, que inscreve a censura a uma sociedade moldada por grandes construções, emergem, mesmo assim, os princípios da harmonia, da justiça e da fraternidade na constante referência ao tempo pretérito (“Dantes o sol compunha/ faustos de sombras” (*Ibidem*: 30) e “dantes o poema vinha como o orvalho/ ou a mansa incisão dum subtil insecto” (*ibidem*)), não ao tempo do olvido ou do menoscabo, mas a essouto, anterior a qualquer constrangimento ou abnegação.

Com efeito, perante o esboroar dos antigos valores, a voz do poeta acredita na metamorfose do mundo insular. Na (re)adaptação mítica da Ilha, a transformação do lugar disfórico poderia dar lugar a um lugar frondoso, alicerçado nos valores universais:

...e se esperasse que em vez da lua  
 sobre ela surgisse um sopro tutelar  
 iluminado  
 e o mar não fosse uma longa  
 separação de azuis e rotas fatigadas  
 e o minério proclamasse uma alma inteira  
 aonde o ouro mais que uma réstia de sol  
 trouxesse toda a luz que existe

estes verdes de paz tão desbotados  
 se transformassem na luta do cerne pela  
 maior flor que alguma vez algum torrão gerasse  
 e dela brotasse copiosa a fonte que se deteve  
 na cabeça de Deus quando  
 engendrou a seus pés magnífico o paraíso

e por fim novo canto de amor se ouvisse  
 primeira voz sulcando o verde pinho  
 vento amigo.

(“Uma Nesga de Mundo”, *Ilha 5*, 2008: 32)

Roger Mucchielli<sup>20</sup> sublinha que, ao focar um ponto defeituoso da sociedade, a utopia vem propor o seu contrário. Se tivermos em conta, ainda, que a utopia propõe, como sugere Lewis Mumford, uma “tentativa de revelar potencialidades ignoradas”<sup>21</sup>, poderemos, então, considerar que Irene Lucília tenta transformar o “seu” mundo, propondo uma outra via possível<sup>22</sup>. Um Ilha onde urge o regresso ao *locus amœnus*, “[...] a busca dum lugar frondoso/ onde erigir um canto/ e uma aura de sentido pleno”<sup>23</sup>. Em todo o caso, a intenção luciliana parece responder à sugestão de Foucault para quem “as utopias consolam, porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso, abrem cidades e vastas avenidas, jardins bem cultivados, mesmo que o acesso a eles seja quimérico”<sup>24</sup>.

### Em conclusão

Como sublinha Edgar Morin: “as “boas utopias” são motores da acção, despertam as consciências e abrem novas perspectivas”<sup>25</sup>. Foi, pois, nesta óptica, que nos propusemos reflectir em torno da escrita de Irene Lucília Andrade, ou seja, verificar na sua poesia a crítica à realidade do presente e, através dela, testemunhar uma possibilidade de mudança, uma intencionalidade atenta e denunciadora, como modo de incentivar o Homem a redescobrir e a revalorizar o seu entendimento no e para com o mundo que o rodeia.

Dir-se-á que a escritora corresponde, desde as suas primeiras publicações, a um critério comunicacional e relacional que a instala não somente na comunidade madeirense, com a qual partilha referências comuns e o mesmo capital simbólico<sup>26</sup>, mas também na dinâmica de uma aproximação ao Outro:

[...], a cidade [move-se] dum lado a outro do  
mar e nós dentro dela por um premeditado acaso e o mar  
a abrir-se, a abraçar um país noutro lugar do mundo.

(“Sobre a Memória destes Dias”, *Ilha 3*, 1991: 75)

À semelhança de Manuel Frias Martins, acreditamos que, apesar da pluralidade de significados que um texto encerra, a intenção e o *engagement* do escritor levam-no a expressar-se através dos seus escritos. Sobre esta questão dir-nos-á o académico: “o comportamento e a finalidade de qualquer acção humana orientam o

<sup>20</sup> Roger Mucchielli, *Le mythe de la cité idéale*, Paris, Puf, 1960.

<sup>21</sup> Lewis Mumford, *História das Utopias*, tradução do inglês por Isabel Donas Boto, Lisboa, Antígona, 2007, p. 10.

<sup>22</sup> Diz-nos Irene Lucília Andrade: “Aqui estou eu, auto-retrato a lápis, com algum esfumado. E, como uma vez pedi e repito, “...não me construam paredes à frente dos olhos, nem me tirem a varanda onde ensaio ao longo da tarde, uma experiência do mundo”. A pesar de tudo hei-de sempre encontrar uma maneira de dar a volta aos muros.”, in “Auto-retrato?”, *Margem 2*, nº 26, Câmara Municipal do Funchal – Departamento da Cultura, 2009, p. 14.

<sup>23</sup> Irene Lucília Andrade, *Água de Mel e Manacá*, Porto, Campo das Letras, 2002, p. 17.

<sup>24</sup> Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Edições 70, 1991, p. 49.

<sup>25</sup> Tradução nossa: “les “bonnes utopies” sont motrices d’action, elles éveillent les consciences et ouvrent les perspectives nouvelles”, in “Est-il utopique de relier les connaissances?”, *In Revue des deux mondes*, avril 2000, nº 192, p. 52.

<sup>26</sup> Thierry Proença dos Santos, “Gerações, Antologias e Outras Afinidades Literárias: A Construção de uma Identidade Cultural na Madeira”, *Dedalus - Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, nº 11-12, “A Ilha e os Mapas da Cultura”, Lisboa, APLC / Edições Cosmos, 2006-2008, p. 581. A enunciação do texto original foi por nós adaptada.

autor de um texto literário para uma interpretação obrigatória e inevitável do mundo e do papel que lhe cabe nesse mundo”<sup>27</sup>.

As sociedades ideais de Irene Lucília Andrade não devem ser impossibilidades, distopias ou aculturações. Deverão ser essoutras que se preocupam com o Próximo e o Disperso, conciliam o Uno e o Diverso e reconhecem o contributo da Margem na conformação do Mundo:

*tal como ilha  
pingo de magma  
refeito de um fogo velho  
de uma forja marinha  
esgalho de vertigem plantado numa onda  
para que dele se fizesse  
lídima e fértil  
uma nesga de mundo*

(“Uma Nesga de Mundo”, *Ilha 5*, 2008: 35)

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Irene Lucília, “Palavras que Levo em Viagem”, in *ILHA 2*, coordenação e notas de José António Gonçalves, com prefácio de Natália Correia, Madeira, Edição da Câmara Municipal do Funchal, Setembro 1979, 46-67.
- \_\_\_\_\_, “Sobre a Memória destes Dias”, in *ILHA 3*, coordenação, introdução e notas de José António Gonçalves, Madeira, Edição da Câmara Municipal do Funchal, Setembro 1991, pp. 67-82.
- \_\_\_\_\_, “Amargo é o Estar do Tempo”, in *ILHA 4*, coordenação e notas de José António Gonçalves, com prefácio de Ernesto Rodrigues, Madeira, Edição da Câmara Municipal do Funchal, Setembro 1994, pp. 79-95.
- \_\_\_\_\_, “Uma Nesga de Mundo”, in *ILHA 5*, coordenação e projecto gráfico de Marco António Gonçalves, com prefácio de Ernesto Rodrigues e posfácio de João David Pinto Correia, Vila Nova de Gaia, Edição 7 Dias 6 Noites e Funchal 500 Anos, Maio 2008, pp. 27-38.

<sup>27</sup> Manuel Frias Martins, *Matéria Negra – Uma Teoria da Literatura e da Crítica Literária*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.